

MAGNAVITA ENTREVISTA / RICARDO BRUNO

‘O furo passou a ser no tempo real, você não tem tempo para elaborar’

Editor-executivo da Agenda do Poder conta um pouco da sua história e casos no jornalismo

Por Cláudio Magnavita

Referência no jornalismo político, Ricardo Bruno começou a profissão cedo, mas longe do impresso. Ele tinha um programa numa rádio em Resende. Depois de uma matéria sobre um incêndio no Parque Nacional de Itatiaia, pelo Jornal do Brasil, Bruno ficou de vez no jornalismo, mas não abandonou a faculdade de Engenharia, formando-se nas duas. Depois do JB, foi para o Globo, onde começou a carreira política, cobrindo as eleições. Além do impresso, Ricardo Bruno foi secretário de Comunicação do governo Rosinha Garotinho (2003-2007), comando o programa Jogo do Poder, na rede CNT de televisão e é o editor-executivo do site Agenda do Poder. Nesta entrevista, Bruno conta um pouco da sua história no jornalismo e alguns casos na profissão.

Claudio Magnavita: Vamos começar primeiro pelo começo. Como o Ricardo Bruno entrou no jornalismo?

Ricardo Bruno: É uma história interessante. Eu, entre 14 e 16 anos, comecei fazer um programa de rádio em Resende, onde meu pai tinha uma emissora. Era sócio da principal emissora de rádio AM da cidade, e eu, aos domingos, ia para os estúdios da rádio, a Rádio Agulhas Negras, e fazia o programa musical todo domingo, de duas às seis da tarde. Quando toda a minha família ficava reunida para os almoços de domingo eu deixava o convívio da família e ia para o estúdio da rádio e passava a tarde apresentando aquele programa. E aí, enfim, cinco, seis anos depois, o Frederico Carvalho, que era um publicitário, tio do ex-prefeito Noel de Carvalho, me convidou para fazer parte de uma equipe que tinha como atribuição reformular o projeto editorial de um jornal centenario em Resende, que se chamava Jornal A Lira. Esse jornal originalmente pertenceu a uma banda de música da cidade, mas já não pertencia, já era um jornal dirigido ao público de Resende de modo geral, e eu me interessei em fazer parte daquela equipe. Comecei também a tratar e a fazer jornalismo impresso e, naquela época, o jornal era impresso na própria gráfica situada no Centro Histórico de Resende. E eu me recordo com muita clareza dos gráficos no linotipo no chumbo, fazendo linha por linha, compondo linha por linha e depois para então fazer a prova e a chapa. Eu acompanhei aquele processo inicial, antes do linotipo, enfim, uma coisa bem artesanal. Bom aí comecei a minha experiência, a minha vivência no jornalismo, e eu sempre um pouco dividido porque eu cursei engenharia. E aí, já no terceiro ano de engenharia, eu cheguei para o meu pai e falei, eu vou abandonar a engenharia e vou fazer jornalismo, porque eu acho que é o meu caminho. Daí meu pai disse: “Meu filho, não faça isso, conclua pelo menos o curso de engenharia, vá até o fim e depois você verifica qual é o teu caminho, o que você quer”. E para atendê-lo, o que eu fiz? Eu cursava Engenharia pela manhã e cursava Jornalismo à noite. E fiquei dividido entre uma profissão e outra, que não tinha nenhum ponto ali de interseção entre aquele mundo e o mundo do Jornalismo. Até que eu comecei a colaborar vez por outra com o Jornal do Brasil. Houve um momento em que o correspondente do Jornal do Brasil em Volta Redonda, que era o Dário de Paula, não podia mais continuar à frente dessa tarefa porque ele foi narrar futebol, veio para a Rádio Tupi e ficou ali, aquele posto aberto. O Dário me indicou para a direção aqui do JB. E eu me lembro de um episódio que foi muito marcante na minha vida que eu não esqueço até hoje, que houve um incêndio muito grande com danos ambientais enormes no Parque Nacional de Itatiaia e o chefe de reportagem do JB falou: “Ricardo, faça uma avaliação do estrago do ponto de vista ambiental que esse incêndio que durou quase uma semana provocou. Ouça ambientalistas da cidade, ambientalistas do Parque Nacio-



Ricardo Bruno iniciou a carreira de jornalismo no Jornal do Brasil, em Volta Redonda

nal de Itatiaia, faça uma análise crítica da extensão disso, do dano ambiental”. Eu então entrevistei o ambientalista, o ex-diretor do Parque Nacional de Itatiaia, entrevistei diretores e funcionários do parque e também moradores da região do parque sobre os efeitos daquela tragédia ambiental, e escrevi uma matéria central com dois boxes e mandei para ele despretensiosamente. Ele gostou muito e me ligou e falou o seguinte: “Eu vou dar domingo uma página com destaque e vou assinar a tua matéria”. E eu fiquei muito entusiasmado com aquilo. Me excitou de tal forma que eu não consegui dormir na madrugada de sábado para domingo. Eu fiquei na porta do jornalista, esperando o caminhão chegar em Resende, chegou por volta de 3h30, 4h da manhã, e eu peguei os jornais. Estava lá a minha matéria assinada e eu fui para casa correndo e acordei meu pai para mostrar a ele a matéria publicada no JB com a minha assinatura. Bom, esse foi o início, essa foi a história. Depois continuei, me formei em engenharia, me formei em jornalismo e seis meses após formado em jornalismo naquela época, muitos jornalistas iam para Mauá num ano sabático, saíam do Rio, abandonavam um pouco esse tumulto da metrópole e se internavam em Mauá num período de descanso e de refazimento da própria vida e tal. Um desses que tomou esse caminho foi o jornalista Chico Júnior. Ele foi editor, foi chefe de reportagem do Globo, foi editor da Editoria Rio e depois foi para Mauá e começou a colaborar lá no jornal local, na Lira e tal. Ele pega, vem ao Rio, foi à redação do Globo tratar de um assunto particular dele. Aí me ligou e falou: “Olha, o Globo vai contratar 17 repórteres, vai ampliar a equipe de reportagem e você não quer ir lá? Eu vou falar com o Renan, o Renan Miranda é o chefe de reportagem, fala com ele, acho que você é uma boa indicação, acho que você fica, e na quinta-feira eu vim ao Rio e bati no Renan Miranda e falei “Renan, o Chico Júnior me pediu que te procurasse e tal, eu quero fazer parte dessa equipe”, e ele falou assim: “Faz o seguinte, vamos fazer uma experiência, você começa segunda-feira para a gente ver e você fica dez dias para eu avaliar o trabalho”, e nunca mais voltei. E aí eu comecei, eu me lembro também a primeira matéria, eu vindo de Resende, todo receoso com medo e tal, cidade grande, essa coisa toda e tal, e nas primeiras matérias ele falou assim: “Vai fazer uma matéria de uma tragédia na favela Cavalão de Aço, lá em Bangu, morreram oito pessoas”, e lá fui eu para a favela Cavalão de Aço. E aí fiz aquela matéria e tal, ele gostou muito e também elogiou. Aí tem um detalhe que é seguinte, o momento que eu faço a migração da cobertura de cidade para a política, e eu em Resende



Ricardo Bruno no programa Jogo do Poder, da CNT

“ E eu fui para a editoria política de maneira provisória, para cobrir a eleição, apenas para cobrir a eleição, e nunca mais saí”

já tinha uma militância pessoal, eu era filiado ao MDB de Resende, então tinha o network, fiz a campanha ajudei a fazer a campanha do Miro ao Governo do Estado, na época que ele enfrentou Sandra Cavalcanti. Entrevistei Sandra Cavalcanti na rádio local, na rádio do meu pai, a Sandra gostou muito da entrevista e tal, e aí o Milton Temer, que era o editor de política do Globo, falou: “Ricardo, eu estou montando aqui hoje uma equipe para cobrir a eleição, você não quer fazer parte? Eu sei que você já gosta de política, te conheço lá de Resende e tal”, porque ele fez parte da campanha do Miro naquela época, ele sabia, e eu também ajudei na campanha do Miro. E eu fui para a editoria política de maneira provisória, para cobrir a eleição, apenas para cobrir a eleição, e nunca mais saí.

CM: Você tem sido citado pelo Tiago Prado, não só nos artigos, mas nas matérias pelos furos que você dá. Como é que você se sente sendo citado pelo jornal que você ajudou a construir? Esse reconhecimento público dos furos que você dá, as citações...

RB: Eu sinto muito honrado de ter esse reconhecimento do principal

veículo de comunicação do Rio, das organizações Globo, um dos principais do Brasil. Obviamente que eu estive durante tanto tempo lá. Na verdade, passei por dois momentos, fiquei no Globo durante 9 anos, saí, fui convidado depois, fui cobrir a campanha do Collor, e quando Collor se elege presidente da República, o Cláudio Humberto me liga e falou assim: “Olha, vem almoçar com o presidente comigo, eu quero te fazer um convite, vem aqui”. E fui, quando eu chego a Brasília no Palácio do Planalto: “Eu quero que você vá dirigir o jornalismo da TV Educativa”. Eu falei: “Mas eu nunca entrei numa televisão, eu conheço jornal”. E ele: “Não importa, você conhece jornalismo, não tem a menor importância, você é da nossa confiança e vai levar à frente esse projeto”. Eu vim matutando, se aceitava ou não aceitava, e pedi 24 horas. No dia seguinte eu disse que sim, aceitei a missão de dirigir o jornalismo da TV Educativa. Bom, Collor caiu, depois sobre Itamar, e eu tinha uma relação boa com o Hargreaves. E tinha uma relação aqui no Rio, foi chefe da Casa Civil. E aí o Hargreaves, também tinha uma boa relação com o Dornelles, com o senador Nelson Carneiro e com o Arthur da Távola, e com os três eu tinha a melhor relação possível. E aí o Dornelles um dia me chamou na Fundação Getúlio Vargas e falou: “Ricardo, eu vou te indicar, eu falei com o Nelson Carneiro e falei com o Arthur, vamos fazer um documento conjunto indicando você, já que saiu o Collor e vai sair portanto a direção geral da televisão, eu queria que você assumisse a direção geral da televisão, não mais o jornalismo, mas a direção-geral do Núcleo do Rio e do Núcleo do Maranhão”. E aí já eram 3 mil funcionários naquela época, então

o Hargreaves me chamou a Brasília, então eu saí do jornalismo e fui ocupar o diretor-geral da TV Educativa. Então as coisas foram se emendando. Aí fico esse tempo todo lá, até que saio novamente da TV Educativa. Eu recebi um convite para fazer uma campanha eleitoral. E confesso que não tinha afinidade com a pessoa que me fez o convite, era um candidato ao governo do Estado, mas ele foi muito simpático e me fez uma proposta que eu considerava irresistível, uma proposta tentadora. E eu me lembro que eu fiquei matutando se aceitava ou não. Aí o Milton Coelho da Graça, que trabalhava com a gente na TV Educativa eu falei: “Milton, eu estou com a seguinte proposta Aceito ou não aceito”. Ele: “Ricardo, olha, você não tem o direito de dizer não, você tem duas filhas e tal, você não pode dizer não para isso”. Bom, aceitei a proposta. A proposta vinha do general Newton Cruz, e eu fui coordenar a comunicação do general Newton Cruz na campanha dele ao governo do estado. A proposta financeira é tão tentadora e eu dividi em três parcelas a minha remuneração, para começar no meio da campanha e no final. A primeira parcela já significava cinco anos de salário na TV pública. Na pior das hipóteses eu tinha cinco anos de salário já antecipadamente pago. Houve o segundo pagamento e depois que terminou a campanha para minha surpresa recebi integralmente o último salário. E aí continuei tocando a minha vida e tal, até que eu montei uma empresa de assessoria de imprensa junto com o jornalista Hudson de Carvalho, e chegamos a ter uma boa quantidade de clientes, mais de 20 clientes. Até que, um dia, Anthony Garotinho me liga e diz o seguinte: “Ricardo, vem tomar um café da manhã comigo e com o Rosinha aqui no Palácio Laranjeira. Eu quero te fazer um convite. Rosinha estava há quatro meses no governo, teve uma crise na área de comunicação enorme, o antecessor, era uma pessoa de campo, não tinha relação com os veículos de comunicação do Rio, com as cabeças pensantes da comunicação do Rio, e com os dirigentes dos veículos. Eu queria que você assumisse a Secretaria de Comunicação do Governo do Rio, e eu vou te dizer o seguinte, do grupo todo que trabalha lá, só peço que você mantenha cinco pessoas, o resto você mantém ou não, a teu critério, ao teu juízo, e vai cuidar não só da imprensa como de toda a publicidade. E aí eu aceitei, obviamente que me desincompatibilizei da empresa da qual o Hudson Carvalho era sócio e fui para o governo do Estado.

CM: Rosinha é uma pessoa adorável? Como é o trato dela? Muita gente tem saudade dela. É diferente do marido?